

O Reinado de Rīm-Sîn: uma nova visão da história de Larsa

Katia Maria Paim Pozzer

Résumé

Nous présentons dans cet article l'histoire du règne de Rīm-Sîn d'après la documentation officielle de Larsa, mais aussi d'après la correspondance des ambassadeurs de Mari à Babylone, qui nous informe sur le processus de détérioration des relations diplomatiques entre Larsa et Babylone ayant engendré la guerre que l'on sait et qui s'est conclue par la victoire de cette dernière.

Le royaume de Larsa était divisé en deux Etats: celui d'Emutbal au nord, avec pour capitale la ville de Maškan-šapir, où résidait Sîn-muballiṭ, frère de Rīm-Sîn, et au sud l'Etat de Larsa, avec pour capitale la ville du même nom, où gouvernait Rīm-Sîn lui-même. La dualité gouvernementale a été une caractéristique de ce royaume depuis le règne de Kudur-Mabuk, qui gouvernait à Maškan-šapir pendant que son fils Warad-Sîn occupait le trône à Larsa.

Nous avons pu établir un ordre chronologique pour la documentation des ambassadeurs de Mari à Babylone, qui est en accord avec le niveau actuel des connaissances, mais peut-être toute la richesse des archives de Mari pourra-t-elle, dans un futur proche, apporter un peu plus de précision sur cet événement qui fut un tournant dans l'histoire de la Mésopotamie.

Palavras-chave: Antigüidade Oriental, Mesopotâmia, História Política, Reino de Larsa, Babilônia.

Introdução

O reino de Larsa estava situado ao sul da Mesopotâmia, em uma região muito árida. O relevo da Baixa Mesopotâmia consistia em uma planície de leve inclinação, onde os rios corriam lentamente, os quais, em períodos de cheia, inundavam vastas depressões. Essa era, também, uma região onde o vento soprava o ano todo, intensificando, assim, o processo de evaporação e, conseqüentemente, o de sanilização do solo, um fenômeno muito antigo,¹ que trazia graves conseqüências para a agricultura.

A hidrologia da Baixa Mesopotâmia era bastante complexa, pois seus dois grandes rios, o Tigre e o Eufrates, sempre tiveram significativas variações no nível de água de um ano para o outro, assim como uma capacidade de aluvionamento cinco vezes maior que a do Nilo. Porém, ao mesmo tempo, a região sofria uma perda de água muito importante, causada pelo sistema de irrigação, pela evaporação e infiltração, dada a sua característica de planície, sendo mais rarefeito o aporte de sedimentos ao extremo sul.

O primeiro relato sobre o sítio de Larsa foi escrito por W. K. Loftus, que realizou uma sondagem em 1854. Em 1903, Larsa foi objeto de uma exploração conduzida por W. Andrae, que descobriu o sítio de Kisurra no mesmo ano. A primeira escavação regular aconteceu somente em 1933, sob a direção de PARROT (1933: 175-182). Este arqueólogo, em seu relato, deplora as pilhagens que devastaram o sítio durante o ano de 1931, explicitando que, infelizmente, essa tratava-se de uma prática de longa data, como ele mesmo pôde constatar através dos objetos comercializados nos mercados de antigüidades.

Somente em 1967 Parrot retornou ao sítio e empreendeu novas escavações (segunda campanha em janeiro, terceira campanha em dezembro). Em seguida, as escavações conheceram uma certa regularidade, pois, entre dezembro de 1969 e janeiro de 1970, houve a quarta campanha e em outubro/dezembro do mesmo ano a quinta, ambas empreendidas por MARGUERON (1980-1983: 500), que nos descreve assim o sítio que ocupa, hoje, uma superfície de 190ha: *“O tell de Senkereh (Sinkara) se estende em uma zona atualmente desértica do Iraque meridional, há uns vinte km a leste de Uruk e uns quarenta ao norte de Ur. O Eufrates corre atualmente muito mais ao sul, próximo de Ur; mas pesquisas conduzidas recentemente sobre o terreno e o estudo de textos mostram que a cidade de Larsa encontrava-se sobre a antiga rede de águas do Eufrates, que não possui nenhuma relação com o atual.”*

As escavações prosseguiram sob a direção de J.-L. Huot (1974 a 1989) e possibilitaram a produção de vários relatórios durante estes últimos anos. Os resultados publicados, atualmente, por HUOT (1989: 13-52; 1991: 1-32) explicam como, a partir de algumas fotografias aéreas, foi possível estabelecer-se um levantamento preciso da cidade de Larsa. Esse autor e sua equipe descobriram três bairros no interior daquilo que parecia ser uma evidência das muralhas da cidade:

— um bairro administrativo e religioso, onde estavam situados o templo de *E.babbar*, o palácio de Nür-Adad e os conjuntos de grandes edifícios;

— um bairro residencial, onde o povoamento era mais denso e composto de casas no centro, enquanto que, na periferia, encontravam-se prédios de importantes dimensões;

— um bairro intermediário, abrigando, também, moradias e fornos, testemunhando uma atividade artesanal importante.

Vê-se, assim, aparecer uma “*verdadeira estrutura urbana*”, para se utilizar a expressão de HUOT (1991: 5), com zonas muito distintas: o bairro administrativo e religioso, com os templos e palácios, e uma zona de grandes residências na periferia, tudo isso contrastando com o centro, denso e ocupado por pequenas casas, havendo, mais ao sul, uma zona de atividade artesanal.

O reinado de Rīm-Sîn: análise de fontes oficiais

Podem-se reconstituir alguns traços do perfil histórico do reinado de Rīm-Sîn a partir de documentos oficiais, tais como os nomes de anos, as inscrições reais e os textos epistolares.

O rei Rīm-Sîn herdou, de seu irmão Warad-Sîn, dois Estados separados: Emutbal, ao Norte, tendo por capital a cidade de Maškan-šapir e, ao Sul, o Estado de Larsa, tendo por capital a cidade de mesmo nome. Essa dualidade governamental ocorria desde o reinado de Kudur-Mabuk, que ocupava o trono de Maškan-šapir enquanto seu filho, Warad-Sîn, governava em Larsa (CHARPIN, 1989: 193; VAN DE MIEROOP, 1993: 48-49). E esse duplo reinado manteve-se até o ano 30 de Hammu-rabi, pois, nessa época, Sîn-muballiṭ residia em Maškan-šapir, e seu irmão Rīm-Sîn, em Larsa (CHARPIN, 1988: 147 nota 49).

O Estado do Emutbal situava-se entre a região de Malgium e a dos pântanos, à beira do Tigre, e tinha por capital a cidade de Maškan-šapir, hoje conhecida como o sítio de Tell Abu Duwari (CHARPIN, 1988: 148; KUPPER, 1958: 442; LEEMANS, 1960: 171-173; POSTGATE, 1995: 307 nota 59).

A origem da palavra Emutbal² não é completamente conhecida. Trataria-se, segundo STOL (1976: 63-72), do nome de uma tribo nômade do Norte, tendo as primeiras menções a ele aparecido durante o reinado de Kudur-Mabuk. Um dos textos mais antigos que mencionam o Emutbal consiste-se em uma descrição do império de Sargão de Akkad, do qual aquele Estado fazia parte. Há um outro documento onde aparece o nome do Emutbal: uma inscrição real de Kudur-Mabuk relatando que Šilli-Eštar é o homem de Maškan-šapir,³ inimigo de Larsa e do Emutbal. Isso de-

monstra uma grande dissociação entre a cidade de Maškan-Šapir e o reino do Emutbal, o que indica que ela não foi sempre sua capital. Encontram-se menções a esse nome geográfico até períodos mais recentes, como, por exemplo em uma inscrição do rei Assurbanipal (STOL, 1976: 71). Compreende-se, então, o reino de Larsa como sendo composto por esses dois Estados — Emutbal ao Norte e Larsa ao Sul —, tendo ele conhecido uma importante expansão territorial sob o reinado de Rīm-Sîn.

O reino de Larsa era composto, no início do período de Rīm-Sîn, pelas cidades de Maškan-šapir, Nippur e Adab ao norte, de Ur, Larsa, Kutalla e Lagaš ao sul, passando por Girsu, Bad-tibira, Umma e Zabalam ao centro (BIGGS e POSTGATE, 1978: 101-117; VAN DE MIEROOP, 1993: 48). Mas ele conheceu uma importante expansão territorial em direção ao oeste até o ano 30 do reinado de Rīm-Sîn, com a anexação de Kisurra, Uruk e Isin.

A correspondência oficial do rei Rīm-Sîn que chegou até nós é muito restrita, se comparada com aquelas dos seus contemporâneos, tais como Zimri-Lim, de Mari, ou Hammu-rabi, da Babilônia. E ela também não é esclarecedora em relação aos eixos gerais da política desenvolvida por Rīm-Sîn durante a primeira metade de seu reinado.

Algumas das cartas escritas por Rīm-Sîn foram encontradas, mas, infelizmente, não se pode datá-las com exatidão. Duas delas foram editadas por CHARPIN (1986: 44 e 77-78): UET V, 35, que trata de um negócio referente a um campo alimentar de um funcionário, podendo pertencer à época de Rīm-Sîn II; UET V, 36, bastante danificada, faz menção ao trabalho de *nakmū*.⁴

Várias outras cartas foram editadas sob a forma de transliterações e de traduções na coleção *Altbabylonische Briefe* (AbB). Em AbB 5, 4 (KRAUS, 1972: 2-4), discutia um caso de prisioneiro. AbB 8, 27 (CAGNI, 1980: 20-23) evoca a construção de uma barragem sobre o canal Rapisānum (GRONEBERG, 1980: 195 e 306). A única carta endereçada a Rīm-Sîn é AbB 9, 185⁵ (STOL, 1981: 118-121). Ela foi enviada por um certo Awiltum, que demandava a intervenção do rei a fim de que fosse liberado um carregamento composto de escravos, de grãos, de ovelhas, etc., que estava retido em uma aldeia. AbB 9, 197 (STOL, 1981: 126-127) é uma pequena carta na qual Rīm-Sîn ordenava a Lu-Ninurta, Balmunamhe, Ipqu-Erra e Mannum-kīma-Sîn que atirassem dentro de um forno um escravo que havia feito a mesma coisa com um jovem servidor. Ignoram-se os fatos que poderiam estar na origem desse caso. O personagem denominado Lu-Ninurta seria um funcionário, pois seu nome encontra-se em uma carta que ele teria enviado a Šamaš-hazir enquanto oficial de Hammu-rabi. Tra-

tar-se-ia de um alto funcionário de Rīm-Sîn que teria sido utilizado por Hammu-rabi (POSTGATE, 1995: 242). A carta AbB 10, 66 (KRAUS, 1985: 72-73), escrita por Rīm-Sîn, discute a posse de uma embarcação. AbB 10, 154 (KRAUS, 1985: 138-139) é uma advertência de Rīm-Sîn endereçada a Ur-Nanna, Ubar-Šamaš e a um terceiro personagem que teve seu nome apagado, na qual ele lhes recomendava que vigiassem a muralha e mantivessem a guarda, em suma, que garantissem a segurança de uma cidade que não é nominada. Compreende-se que se tratava de um momento de distúrbios no país, com a perspectiva de uma eventual invasão por tropas inimigas. Isso seria uma alusão ao que se passou no ano RS 36, quando Hammu-rabi conquistou, de maneira efêmera (CHARPIN, 1992a: 210 nota 27; GASCHÉ, 1989: 133 nota 371), as cidades de Uruk e de Isin? De fato, esses dois nomes próprios (os dois destinatários da carta) são citados outras vezes na documentação da época. A última carta é AbB 13, 2 (VAN SOLDT, 1994: 2-3), através da qual Rīm-Sîn intervém em uma disputa em torno da propriedade de um campo alimentar.

De acordo com a documentação oficial, pode-se inferir que, durante os primeiros trinta anos de reinado, ao nível de política exterior, Rīm-Sîn empreendeu a conquista de vastos territórios, expandindo a fronteira oeste de seu reino, única via possível de ampliação. De fato, a leste, havia os elamitas, inimigos poderosíssimos; ao sul, o Golfo Pérsico, e, ao norte, a Babilônia, que se impunha cada vez mais como uma grande potência política e militar. Assim, podemos dizer que Rīm-Sîn reconstituiu o país de Sumer. Mas vê-se, também, que, ao mesmo tempo, Rīm-Sîn reforçou a proteção às cidades, ordenando a construção de muralhas e a consolidação daquelas existentes. Enfim, vê-se uma gestão do Estado muito próxima à de Hammu-rabi, mas, certamente, menos documentada.

Parece, no entanto, que toda essa documentação está impregnada de um caráter de propaganda e que ela procura, incessantemente, reforçar o papel do monarca enquanto protetor e provedor da vida do país e, também, consolidar sua legitimidade. Mas ela é, contudo, portadora de fatos, de verdades que podem ajudar a se compreender melhor esse momento da história.

Na segunda metade do reinado de Rīm-Sîn, os nomes dos anos não dão muitas informações; do ano 30 até o ano 60, todos eles fazem unicamente referência à tomada da cidade de Isin. Esse curioso fenômeno é difícil de ser explicado. Pode-se interpretá-lo como sinal de uma falta de acontecimento maior que merecesse ser imortalizado através de um nome de ano, o que mostraria a incapacidade na qual se encontrava Rīm-Sîn para prosseguir seus empreendimentos de expansão territorial segundo

VAN DE MIEROOP (1993: 54-55). Ou bem Rīm-Sîn considerou que os trabalhos⁶ (irrigação, oferendas de estátuas, reconstrução de templos, etc.) executados no interior do reino não deveriam mais ser comemorados através dos nomes dos anos, o que não significa afirmar a inexistência de tais trabalhos, ou a tomada de Isin teria sido julgada tão importante, que ele poderia querer lembrá-la a cada ano.

Acrescenta-se, ainda, uma sensível diminuição de documentos relativos a esse período, sejam eles oficiais ou não. A partir da metade do reinado de Rīm-Sîn, nenhuma inscrição comemora a edificação de qualquer prédio público, exceto a inscrição E4.2.14.2005 (FRAYNE, 1990: 306-307), encontrada em Nippur e com data posterior a RS 21, que evoca uma construção em tijolos erigida em honra ao deus Nergal e exprime votos de longa vida endereçados a Rīm-Sîn. Todas as outras inscrições encontradas são de natureza votiva e acompanhavam as oferendas feitas aos deuses, exprimindo, também, desejo de longa vida ao rei.

F. J. Stephens publicou, em 1937, o tablete YOS IX, 72, contendo uma inscrição do rei Rīm-Sîn de Larsa que o autor classificou como inscrição votiva dedicada ao soberano. OWEN (1976: 351-355) publicou um tablete da Free Library of Philadelphia que ele identificou como um hino ainda inédito a Rīm-Sîn, tratando-se de uma duplicata da inscrição YOS IX, 72. O texto em questão não seria uma inscrição votiva, como acreditava Stephens, pois esse tipo de documento existia, somente, em um único exemplar. Recentemente, FRAYNE (1989: 181-183) publicou uma terceira cópia deste texto, pertencente ao Royal Ontario Museum, que ele classificou como uma passagem extraída de um hino ao deus An, tendo-a comparado ao texto UET VI/1, 102, precisando, contudo, que ela não se tratava de uma duplicata deste. CHARPIN (1986: 275-278 e 301-302), que publicou este último, interpretou-o como uma homenagem feita a Rīm-Sîn pelo clero de Ur quando de uma visita do rei a um templo da cidade, “*se bem que ele seja definido, por seu colofão, como uma prece à An*”.

Todos esses textos inscrevem-se na concepção histórica mesopotâmica, como explica GLASSNER (1993: 47): “*Os deuses governam o mundo, concedem ou recusam seus favores aos monarcas humanos, e uma lei cósmica rege a regularidade cíclica do tempo. O nascimento e a queda de uma dinastia são reveladores de semelhanças dissimuladas e chamadas a se reproduzirem. (...) é sempre permitido influenciar o julgamento divino adotando um comportamento apropriado.*”

Esses textos são dedicados ao rei Rīm-Sîn; eles exprimem desejos de o soberano chamar a proteção divina sobre ele e, sobretudo, de obter longa vida para si e seu império.

A documentação oficial fornece-nos um outro gênero de texto, classificado por HALLO (1968: 71-89) como carta-prece. Atualmente, conhecem-se apenas duas cartas-preces que foram endereçadas a Rīm-Sîn: uma de difícil compreensão, enviada por Nanna-mansum da cidade de Ur, e a outra vinda de Nin-šata-pada, filha do rei Sîn-kāšid de Uruk. Essas cartas são compostas de três partes. A primeira contém saudações sucessivas endereçadas aos reis ou às divindades, a qual CHARPIN (1992b: 22) chamou de “petição”. A segunda parte é o corpo propriamente dito do texto, que contém expressões diversas, que HALLO (1968: 74) definiu enquanto: “(1) lamentos (2) protestos (3) preces e (4) cerimoniais reforços de apelo, ainda que não necessariamente nesta ordem.”

O último componente dessas cartas-preces está na conclusão, que pode ser um voto que já tenha sido expresso no texto da carta, ou uma fórmula fixa própria a esse gênero de texto.

A carta que o escriba Nanna-mansum endereçou ao rei Rīm-Sîn segue essa regra, isto é, ela comporta várias saudações e termina por um voto do qual, infelizmente, não se pode compreender o conteúdo exato, pois o tablete de argila está quebrado nessa passagem (GURNEY e KRAMER, 1976: 9 lâmina 31; LANGDON, 1914: 21-25 lâmina 8).

A segunda carta-prece conhecida foi objeto de um recente estudo de HALLO (1991: 377-388), que pôde restaurá-la a partir de seis exemplares diferentes. Nessa carta, a princesa Nin-šata-pada, filha do rei Sîn-kāšid de Uruk e sacerdotisa de Meslamtea, na cidade de Durum, identifica-se enquanto escriba (linha 16). Assinala-se a raridade de textos provenientes de mulheres-escribas (CHARPIN, 1986: 203 nota 1; HALLO, 1968: 78). Depois de longas saudações, Nin-šata-pada implora ao rei Rīm-Sîn que a tenha em consideração e queixa-se de seu estado físico (linhas 37-39),⁷ do fato de que sua família tenha sido dispersa e de que ela mesma viva no exílio, na condição de escrava, fora da cidade de Durum (linhas 36 e 51). Graças a esta última precisão, W.W. Hallo datou a carta do ano 23 ou 24 de Rīm-Sîn,⁸ pois sabe-se, de acordo com os nomes dos anos, que a cidade de Durum foi tomada por Rīm-Sîn no ano 19 de seu reinado.

Finalmente, vê-se que a documentação oficial é bastante lacunar em relação aos acontecimentos históricos da segunda parte do reinado de Rīm-Sîn de Larsa. Porém, pode-se, também, interrogar sobre essas lacunas, sobre o que esses documentos não dizem (VEYNE, 1979: 141-155). Insiste-se no fato de que, materialmente, a documentação é mais reduzida para esse período, mas não se pode saber a causa. Trata-se de uma característica do declínio do império de Rīm-Sîn ou, simplesmente, de um aca-so da exumação dos documentos.

Pode-se compreender essa falta de dados como um enfraquecimento do poder real e que o ano 31 de Rīm-Sîn foi, de fato, o começo do declínio da potência militar e política de Larsa na Baixa Mesopotâmia.

O fim da dinastia de Larsa segundo os arquivos de Mari

Os arquivos do sítio arqueológico da antiga cidade de Mari, no norte mesopotâmico, revelaram uma nova versão sobre a guerra entre Rīm-Sîn de Larsa e Hammu-rabi de Babilônia. Sabia-se, até então, que essa guerra fora declarada por Hammu-rabi sem um motivo particular e que teria sido, apenas, reflexo da política de expansão de seu império pela via militar. Porém, as cartas enviadas pelos embaixadores do rei Zimri-Lim, de Mari, desde a corte de Babilônia mostram que, na verdade, os incidentes que vieram a desencadear essa guerra foram criados por Rīm-Sîn ao invadir e praticar saques, por repetidas vezes, no território babilônico.

Essa correspondência foi publicada por M. Birot, D. Charpin, F. Joannès, S. Lackenbacher e B. Lafont em *Archives Royales de Mari*, volumes 26 e 27. Tentar-se-á retrair a história do fim do reinado de Rīm-Sîn estudando-se os diferentes textos e sua possível classificação cronológica, uma vez que nenhum desses documentos está datado.

A carta ARM 26, 362 foi situada por CHARPIN (1988: 159) no começo do ano 9^o de Zimri-Lim. Trata-se de uma carta de Yarim-Addu, representante do rei de Mari na corte de Hammu-rabi, na Babilônia, endereçada ao rei Zimri-Lim. O remetente informava este rei sobre uma tática colocada em prática pelo sukka! do Elam para desestabilizar as relações entre Rīm-Sîn e Hammu-rabi. O sukka! escreveu a Hammu-rabi e a Rīm-Sîn nos mesmos termos, pedindo a cada um que se aliasse a ele contra o outro. Porém, essa tática falhou, pois os dois reis trocaram correspondências e reforçaram, assim, as relações diplomáticas entre os dois reinos.

Naquele momento, o Elam estava em guerra contra Ešnunna, que fora conquistada pelo sukka! (DURAND, 1994: 19). De fato, esse foi um período de importante expansionismo político para o Elam (DURAND, 1986: 111-128), que se empenhava em criar rivalidades entre dois grandes reinos suscetíveis de ameaçá-lo: Larsa e Babilônia. Através de sua política de desestabilização, o sukka! queria enfraquecer os dois para garantir a hegemonia de seu poder sobre toda a Mesopotâmia do sul.

O texto precisa que, a partir desse momento, os dois reinos, Larsa e Babilônia, trocaram representantes legais, a fim de estabelecerem uma

estreita comunicação entre eles;⁹ porém, essas relações amigáveis foram de curta duração. Yarîm-Addu escreveu, também, que ele havia sido retido por Hammu-rabi em represália às boas relações que Zîmri-Lim mantinha com o sukka! do Elam.

A carta ARM 26/2 n° 363 fala do cerco de Opis, cidade situada entre Babilônia e Ešnunna, por um exército inimigo que não é identificado, mas o documento precisa que poderia tratar-se de elamitas mesclados a ešnunneanos (CHARPIN, 1988: 150). Essa cidade pertencia ao reino de Ešnunna, e Hammu-rabi apoderou-se dela, provavelmente, após a vitória do Elam. Para isso, ele decretou o recrutamento geral de tropas no país e solicitou a ajuda de Rîm-Sîn, que se encontrava em Maškan-šapir. CHARPIN e DURAND (1991: 59-66) datam esse acontecimento do final do ano ZL 9'. Na ocasião, os mensageiros elamitas que estavam na Babilônia foram feitos prisioneiros, e seus bens confiscados. A carta seguinte (n° 364) diz que o inimigo instalara-se em um acampamento perto de Opis e preparara-se para o combate e que os mensageiros babilônicos enviados a Maškan-šapir ainda não haviam retornado.

A carta n° 367 dá seguimento ao fato dizendo que os embaixadores babilônicos não haviam retornado de Maškan-šapir. Porém, Yarîm-Addu dizia conhecer o conteúdo de uma carta de Rîm-Sîn enviada a Hammu-rabi, na qual este confirmava o acordo de apoio mútuo e o envio de tropas e barcos.

Na carta n° 368 (=ARM 2, 72), é dito que os embaixadores, finalmente, haviam chegado com uma mensagem de Rîm-Sîn reafirmando sua disposição em ajudar Hammu-rabi, mas sem, contudo, enviar tropas. É dito, também, que enviados elamitas haviam sido maltratados na Babilônia. A carta ARM 26, 369 descreve o começo de uma mudança nas relações diplomáticas entre os reinos de Larsa e de Babilônia. É interessante notar que os verbos empregados para se explicar a derrota militar babilônica (linha 16') junto à cidade de Opis dão a impressão que ela estava apenas ocupada pelas forças babilônicas, não pertencendo ao reino de Hammu-rabi. Tudo isso deve ter contribuído para uma mudança de atitude de Hammu-rabi em relação a Rîm-Sîn.

A carta n° 372 relata o começo das hostilidades entre Rîm-Sîn e Hammu-rabi. Yarîm-Addu dizia, claramente, que a atitude de Rîm-Sîn não se havia alterado, que ele mantinha hostilidades contra Hammu-rabi e que tropas larseanas haviam perpetrado pilhagens e deportações em território babilônico. Mensageiros de Larsa que se encontravam junto a Hammu-rabi foram feitos prisioneiros, e todas as relações diplomáticas entre os dois reinos foram, finalmente, interrompidas. Esta carta relata,

ainda, a entrada de reinos estrangeiros no conflito, com a adesão do rei de Malgûm a Hammu-rabi e do rei Warassa, de Dêr, a Rîm-Sîn. A mensagem fala, também, do iminente tratado de aliança que Hammu-rabi apressava-se em estabelecer com Şilli-Sîn de Eşnunna. Pensa-se que esta carta deva ser datada da metade do ano ZL 10', pois pode ter transcorrido um tempo entre sua emissão e a da carta n° 369 aos diversos reinos estrangeiros, para que estes se pronunciassem e posicionassem-se diante dessa guerra.

A carta n° 373 mostra que muitas mudanças políticas estavam ocorrendo. Hammu-rabi restabeleceu relações diplomáticas com o sukkal do Elam, e Şilli-Sîn, por sua vez, recusou as proposições de Hammu-rabi, não tendo sido concluído o tratado.

A carta n° 385, cujo endereço desapareceu, é a primeira que se conhece que fala do cerco a Maşkan-şapir. Hammu-rabi legitimava seu ataque ao reino de Larsa, dizendo que os deuses Şamaş e Marduk haviam-lhe dado seu acordo e que isso seria uma resposta às agressões cometidas por Rîm-Sîn. Hammu-rabi pedia às suas tropas que aceitassem uma eventual capitulação de Maşkan-şapir, mas precisava que, em caso de ataque, a cidade não deveria ser destruída. A carta indica, também, que Sîn-muballiţ, irmão de Rîm-Sîn, estava cercado em Maşkan-şapir, com três de seus generais e uma tropa de alguns milhares de homens,¹⁰ e que uma outra tropa de 1.000 soldados havia chegado de Malgûm para ajudar Hammu-rabi. Constata-se aqui a intervenção direta de reinos estrangeiros na guerra.¹¹ Em seguida, as cartas ARM 26, 381 e 471 continuam a relatar esse acontecimento.

Na carta n° 381, Şarrum-andullî dizia ter corrompido dois servidores de Hammu-rabi, e que eles teriam informado que seu soberano discutia com os elamitas, que teriam participado do cerco de Maşkan-şapir, pois Hammu-rabi já teria restabelecido as relações diplomáticas com o Elam, como atesta a carta n° 373. Şarrum-andullî acrescentava que ele empregara enormes esforços a fim de convencer Hammu-rabi a enviar uma tropa de 1.000 homens como reforço para Zimri-Lim em Mari.

Este mesmo caso é ainda objeto das cartas ARM 2, 23, enviada por Ibal-pî-El, e dos textos A.3007 (inédito) e ARM 26, 471 (LACKENBACHER, 1988: 397-398), nos quais Abimekim (um servidor de Zimri-Lim) relatava a mesma entrevista com Hammu-rabi (CHARPIN, 1988: 195 nota e). Vê-se, então, que Zimri-Lim possuía vários representantes junto a Hammu-rabi, que todos eles se encontram em Dildaba¹² no momento do cerco da cidade de Larsa e que o rei teria enviado missões sucessivas no decorrer de algumas semanas.

O texto n° 378 menciona que uma tropa mariota, comandada por Šarrum-andullī, chegara a Larsa a fim de combater ao lado dos babilônicos, sendo que a carta n° 379 completa esse relato. A tropa mariota em questão era de 2.000 homens, a da Babilônia comportava alguns milhares de homens e a tropa cercada em Larsa era de 40.000. A leitura dos oráculos, narrada nesta última carta, é uma indicação de que ela teria sido escrita um pouco antes que a tropa partisse para a batalha, o que permite localizá-la entre as cartas n° 378 e 383.

A carta n° 383 foi escrita por Yasīm-Hammû e informa Zimri-Lim que Hammu-rabi ficara muito satisfeito com a chegada de tropas de Mari. CHARPIN (1988: 198 nota c, 201 nota b) data este documento do mês XII bis do ano ZL 10' graças a uma precisão do escriba (linha 12). Essa datação é, contudo, relativizada por ANBAR (1989 e 1995), segundo o qual, no ano ZL 10', o mês intercalado era o V bis, mas que a hipótese de D. Charpin é correta pressupondo-se que esse texto tenha sido datado de acordo com o calendário babilônico. Hammu-rabi acabava de tomar a cidade de Maškan-šapir, aparentemente pela negociação, e iniciava o cerco de Larsa com o reforço das tropas do Yamutbal.¹³ Essa carta permitiu à CHARPIN (1988: 148) retomar a questão da localização do reino do Emutbal e sugerir que a cidade de Maškan-šapir era a capital, em razão de uma estrutura bicéfala do Estado. Sabe-se, também, que mensageiros vindos de Qaṭna, trazendo uma mensagem para Rīm-Sîn, foram capturados pelas tropas babilônicas nas proximidades de Larsa e levados à Babilônia. Tem-se aqui um outro exemplo de intervenção externa nesta guerra, pois, provavelmente, esta se trata de uma tentativa de aliança de Rīm-Sîn com o rei de Qaṭna.

A carta ARM 26, 374, que foi datada da primeira metade do ano 11' de Zimri-Lim (CHARPIN, 1988: 160), teria sido uma das últimas escritas por Yarīm-Addu. Nela, a tomada de Larsa é tida como um fato iminente e provável, e, como a cidade é aqui mostrada em estado de sítio, este documento é imediatamente anterior à carta ARM 27, 156, que conta a invasão da cidade.

Na carta ARM 27, 156, Zimri-Addu escrevia à Zimri-Lim para dizer-lhe que Larsa estava cercada e que, segundo os refugiados, não havia mais grãos na cidade. Lê-se, também, que a ordem de invadir a cidade havia sido dada quando os reforços de tropas chegaram, que Rīm-Sîn fora feito prisioneiro e levado, provavelmente, vivo à Babilônia.

O texto n° 386 é uma pequena carta escrita por Yeškit-El, um outro representante de Zimri-Lim, anunciando, ele também, a tomada de Larsa

(BIROT, 1978: 337). Ele pode ter sido escrito no mesmo momento que o precedente.

Em ARM 27, 157, Zimri-Addu dizia ter recebido a mensagem de Zimri-Lim, que lhe ordenava partir com suas tropas logo após a tomada de Larsa. Ela confirmava que a cidade estava sob o controle de Hammurabi e que ele a havia transformado em sede de seu governo.

A carta ARM 27, 158 pertence, provavelmente, ao mesmo período que o texto n° 157. Zimri-Addu e Mênirum escreveram à Zimri-Lim para informá-lo que Rīm-Sîn e seus servidores haviam sido levados à Babilônia e que as muralhas de defesa de Larsa estavam sendo demolidas (BIROT, 1993: 265 nota a). Os dois remetentes queixavam-se de não terem tido respostas às suas mensagens e perguntavam se deveriam colocar todas as tropas à disposição de Hammurabi caso ele o solicitasse.

Em ARM 27, 161, Zimri-Addu descrevia as condições da cidade de Larsa após a derrota de Rīm-Sîn e a situação de seus habitantes finalizados os combates. A cidade fora abandonada, e a população restante, com medo de pilhagens, tentava proteger seus bens, por exemplo, escondendo os animais dentro das casas. Zimri-Addu dizia estar à procura de lápis-lazuli, mas que este não existia devido à interrupção do comércio com a cidade de Ur, certamente em consequência da guerra. As tropas mariotas continuavam a ocupação ao lado das tropas babilônicas, como atesta a repressão aos suteanos vindos para pilhar os subúrbios de Larsa.

Em ARM 27, 162, Hammurabi estava de retorno à Babilônia, onde recebia as homenagens de vários diplomatas estrangeiros. Este documento deve datar de um pouco mais tarde que o de n° 161, pois passou-se um certo tempo entre a chegada da notícia aos reinos estrangeiros e esta dos seus emissários na Babilônia. Enfim, a carta ARM 27, 166 pode ser classificada como a última que concerne à questão da conquista do reino de Larsa, pois Zimri-Addu dizia que suas tropas preparavam-se para a volta a Mari. Infelizmente, o tablete está quebrado na passagem onde Zimri-Addu nomeava a cidade que eles acabavam de deixar. BIROT (1993: 281 nota a), mesmo não podendo propor uma leitura segura da palavra, sugeriu o nome de Larsa ou de Sippar.

Conclusão

De acordo com a documentação oficial, pode-se inferir que, durante os primeiros trinta anos de reinado, ao nível de política exterior, Rīm-Sîn empreendeu a conquista de vastos territórios, expandindo a fronteira oeste de seu reino, única via possível de ampliação.

Vê-se que a documentação oficial é bastante lacunar em relação aos acontecimentos históricos da segunda parte do reinado de Rīm-Sîn de Larsa.

Pode-se compreender essa falta de dados como um enfraquecimento do poder real e que o ano 31 de Rīm-Sîn foi, de fato, o começo do declínio da potência militar e política de Larsa na Baixa Mesopotâmia.

A correspondência real dos arquivos de Mari permitiu conhecerem-se alguns aspectos do fim do reinado de Rīm-Sîn de Larsa. Através dessa documentação, escrita pelos embaixadores de Mari junto à corte da Babilônia, é possível, de fato, retrair-se todo um processo de deterioração das relações político-diplomáticas entre este reino e o reino babilônico, processo esse que engendrou uma guerra da qual Babilônia saiu vitoriosa, colocando fim ao período de Isin-Larsa.

Esta é a ordem cronológica possível de se estabelecer de acordo com o nível atual de conhecimentos, mas, talvez, toda a riqueza dos arquivos de Mari possa, em um futuro próximo, trazer um pouco mais de precisão sobre este importante acontecimento que é o fim da dinastia de Larsa (POSTGATE, 1995: 39-46).

Lista de abreviaturas

AbB	Altbabylonische Briefe in Umschrift und Übersetzung
ARM	Archives Royales de Mari
UET	Ur Excavations, Texts
RS	Rīm-Sîn
YOS	Yale Oriental Series
ZL	Zimri-Lim

Bibliografia

ANBAR, M. *NABU* 1989, note 83.

_____. *NABU* 1995, note 65.

BIGGS, R. D. e POSTGATE, J. N. "Inscriptions From Abu Salabikh". *Iraq* XL, 1978, p. 101-117.

BIROT, M. "Données nouvelles sur la chronologie du règne de Zimri-Lim". *Syria* 55, 1978, p. 337.

_____. *Correspondance des gouverneurs de Qaṭṭunân*. ARM 27, ERC, Paris, 1993.

CAGNI, L. *Briefe aus dem Iraq Museum* (TIM II). AbB 8, Leiden, 1980.

- CHARPIN, D. *Clergé d'Ur au siècle d'Hammurabi*, Droz, Genève-Paris, 1986.
- _____. "Les Représentants de Mari à Babylone", *ARM* 26/2, Paris, 1988, p.139-207.
- _____. "Données nouvelles sur l'histoire de Larsa". In: HUOT, J.-L. (org.), *Larsa-Travaux de 1985*, ERC, Paris, 1989, p.191-195.
- _____. "Immigrés, réfugiés et déportés en Babylonie sous Hammurabi et ses successeurs", dans CHARPIN, D. et JOANNÈS, F. *La circulation des biens, des personnes et des idées dans le Proche-Orient ancien — Actes de la XXXVIIIe Rencontre Assyriologique Internacionale*. ERC, Paris, 1992a, p. 207-218.
- _____. "Les malheurs d'un scribe ou de l'inutilité du sumérien loin de Nippur", dans ELLIS, M. *Nippur at the centennial — 35^e R.I.A.* Occasional Publications of the Samuel Kramer Fund, 14, Philadelphia, 1992b, p. 7-27.
- _____. et DURAND, J.-M. "La suzeraineté de l'empereur (sukkalmaḥ) d'Elam sur la Mésopotamie et le nationalisme amorrite". *Actes de la XXXVIème RAI*, 1991, p. 59-66.
- DURAND, J.-M. "Fragments rejoints pour une histoire élamite". *Fragmenta Historiae Elamicae* (=Mélanges M. Steve), 1986, p. 111-128.
- _____. "L'empereur d'Elam et ses vassaux". *Mesopotamian history and environment* (=Mélanges De Meyer), 1994, p. 19.
- EDZARD, D.O. *ZZB*, Harrassowitz, Wiesbaden, 1975.
- FRAYNE, D. "A Duplicate of a Rīm-Sîn Hymnal Excerpt". *DUMU-É-DUB-BA-A Studies in Honor of Ake Sjöberg*. Occasional Publications of the Samuel Noah Kramer Fund 11, Philadelphia, 1989, p.181-183.
- _____. *Old Babylonian Period (2003-1595 BC)*, The Royal Inscriptions Of Mesopotamia Early Periods, vol. 4, University of Toronto Press, Toronto-Buffalo-London, 1990.
- GASCHE, H. *La Babylonie au 17^e siècle avant notre ère: Approche Archéologique, Problèmes et Perspectives*. Mesopotamian History and Environment, series II, memoirs I, University of Ghent, 1989.
- GLASSNER, J.-J. *Chroniques Mésopotamiennes*. Les Belles Lettres, Paris, 1993.
- GRONEBERG, B. *Répertoire Géographique des Textes Cunéiformes* 3. Wiesbaden, 1980.

- GURNEY, O. et KRAMER, S. *Sumerian Literary Texts in The Ashmolean Museum*. OECT V, Oxford, 1976.
- HALLO, W. "Individual Prayer in Sumerian: the continuity of a tradition". *JAOS* 88, 1968, p. 71-89.
- _____. "The Royal Correspondance of Larsa: III. The Princess and the Plea", dans CHARPIN, D. et F. JOANNÈS, F. *Marchands, Diplomates et Empereurs*, ERC, Paris, 1991, p. 377-388.
- HUOT, J.-L. (org.), *Larsa-Travaux de 1985*, ERC, Paris, 1989.
- _____. "Les Travaux Français a Tell El 'Oueili et Larsa", *Akkadica* 73, Bruxelles, 1991, p. 1-32.
- KRAUS, F.R. *Briefe aus dem Istanbuler Museum*, AbB 5, Leiden, 1972.
- _____. *Briefe aus Kleineren Westeuropäischen Sammlungen*, AbB 10, Leiden, 1985.
- KUPPER, J.-R. "Recension de D. Edzard", *Or. NS* 27, 1958, p.439-443.
- LACKENBACHER, S. Abimekim. *ARM* 26/2, 1988, p. 397-398.
- LANGDON, S. "Historical and Religious Textes". *BE*, München, vol. XXXI, 1914.
- LEEMANS, W.F. *Foreign Trade in the Old Babylonian Period*, Studia et Documenta 6, Leiden, 1960.
- MARGUERON, J. "Larsa-Archäologisch", *RIA* VI, Berlin-New York, 1980-1983, p.500-503.
- OWEN, D.I. "Cuneiform Texts in the Collection of Professor Norman Totten". *Mesopotamia* X-XI, Firenze, 1975-1976, p. 5-30.
- PARROT, A. "Les Fouilles de Tello et de Senkereh-Larsa", *RA* 30, Paris, 1933, p.175-182.
- POSTGATE, J.N. *Early Mesopotamia*, Routledge, London & New York, 1995.
- STOL, M. *Studies in Old Babylonian History*, Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituutte Istanbul, s.l., 1976.
- _____. *Letters from Yale*. AbB 9, Leiden, 1981.
- VAN DE MIEROOP, M. "The Reign of Rîm-Sîn", *RA* 87/1, Paris, 1993, p.45-67.
- VAN SOLDT, W. H. *Letters in the British Museum*. AbB 13/2, Leiden, 1994.
- VEYNE, P. *Comment on écrit l'histoire*. Éditions du Seuil, Paris, 1979.

WALTERS, S.D. *Water for Larsa: An Old Babylonian Archive Dealing With Irrigation*, Yale Near East Researches 4, New Haven e London, 1970.

Notas

¹ WALTERS (1970: 160-161) diz que a sanilização começou por volta de 2400 a.C. em Lagaš para se estender, lentamente, ao sudoeste, em direção a Uruk e Larsa.

² EDZARD (1975: 105-106) diz que há uma menção de “iamutbal” em um nome próprio da época de Sumulael, que situava a região do Yamutbal a leste do Tigre.

³ FRAYNE (1990: 266-267) traduz “lú-maš-kán-ŠABRA.KI” por “ruler of Maškan-šápir”.

⁴ *Nakmū* pode ser traduzido como *aquele que arrecada*.

⁵ Assinalamos a existência da carta inédita NBC 7874, endereçada a Rīm-Sîn, e de duas outras cartas enviadas por Rīm-Sîn, NBC 7850 e 8696, que poderiam, contudo, ser dois exemplares da mesma carta ou duas cartas sobre o mesmo assunto. Todos esses documentos encontram-se no *Catalogue of the Babylonian Collections Yale 2*, recentemente publicado por G. Beckman.

⁶ Tais como os indicados pelos nomes dos anos RS 26, 27 e 28.

⁷ Nota-se um paralelo entre as linhas 37, 38 e 39 deste texto e as linhas 4' e 10' do reverso da carta. A.1258+S.160SN, editada por CHARPIN (1992b: 12 e 21 nota 16).

⁸ Entre as seis cópias desta carta, existe uma variante, que fala de quatro anos de exílio ao invés de cinco.

⁹ Deve-se notar que os enviados da Babilônia ficam em Maškan-šápir junto a Sîn-muballit, em uma clara alusão ao Estado bicéfalo, com o Emutbal ao norte e Larsa ao sul, e que o enviado de Larsa está na Babilônia.

¹⁰ O tablete está quebrado na passagem onde está escrito o número exato de soldados da tropa.

¹¹ Aparentemente, estes reis adotaram uma postura ingênua em relação a Hammurabi, uma vez que eles teriam, em seguida, o mesmo destino que Rīm-Sîn.

¹² Cf. ARM 26/2, n° 384, p. 198-202.

¹³ Yamutbal é outra grafia para a palavra Emutbal. Este fato reforça a idéia de um Estado bicéfalo, pois é difícil pensar que um exército voltar-se-ia contra seu próprio país após ter sido derrotado pelo inimigo.